

## RESUMO SIMPLES - NEUROCIÊNCIAS BÁSICAS

### **PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS HOSPITALIZAÇÕES POR EPILEPSIA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DE 2014 A 2024**

*Grazielly Oliveira Da Costa (oliveiragrazielly072@gmail.com)*

*Maria Eduarda Soares Blezins (maduhblezins2210@gmail.com)*

*André Luis Silva De Sousa (andreluissdes@gmail.com)*

*Paola Toffoletti (toffo06@yahoo.com.ar)*

Introdução: A epilepsia é um distúrbio neurológico crônico caracterizado pela predisposição duradoura do cérebro em gerar crises epiléticas recorrentes, que decorrem de descargas elétricas anormais e excessivas em grupos de neurônios. As manifestações clínicas variam desde crises focais simples até crises generalizadas tônico-clônicas, impactando não apenas o funcionamento motor, mas também a cognição, a memória e o comportamento. Em muitos indivíduos, a epilepsia está associada a processos neurodegenerativos que afetam regiões como o hipocampo, o que pode contribuir para prejuízos cognitivos significativos. Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico das hospitalizações por epilepsia no Brasil entre 2014 e 2024, com base em dados secundários do Sistema Único de Saúde. Metodologia: Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, de abordagem quantitativa, utilizando dados secundários obtidos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram incluídas internações registradas no SIH/SUS entre 2014 e 2024 com diagnóstico de epilepsia (CID-10: G40). As variáveis analisadas incluíram sexo, grupos etários, cor/raça e caráter de atendimento. A

análise estatística foi realizada por meio do Excel (2019). Resultados: Entre 2014 e 2024, a Região Sudeste concentrou a maioria das internações por epilepsia. Crianças de 1 a 4 anos foram as mais vulneráveis, apresentando alto número de internações. Pessoas negras e pardas foram as mais afetadas, e os homens representaram a maioria dos internados. A mortalidade por epilepsia aumentou no período, atingindo principalmente idosos e homens nas regiões mais vulneráveis. A pandemia de COVID-19 provocou uma redução temporária nas internações, sem, contudo, refletir uma melhora efetiva no cuidado. Discussão: A concentração de casos no Sudeste indica desigualdade regional no acesso à saúde especializada. A maior vulnerabilidade infantil reforça a necessidade de atenção e acompanhamento contínuo. A disparidade por cor/raça e gênero evidencia o impacto de determinantes sociais no acesso e na experiência da doença. O aumento da mortalidade sinaliza fragilidades no sistema de saúde e a importância de políticas preventivas, enquanto a queda de internações durante a pandemia destacou limitações sistêmicas. Conclusão: A epilepsia transcende o aspecto neurológico, sendo fortemente influenciada por determinantes sociais e regionais. Políticas públicas que fortaleçam a atenção primária e garantam acesso contínuo ao tratamento são essenciais, com foco em crianças, idosos e populações vulneráveis. A implementação dessas estratégias poderá reduzir hospitalizações, mortalidade e desigualdades, promovendo um cuidado mais equitativo e eficaz.

#### Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS (DATASUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br>. Acesso em: 27 ago. 2025.

EPIDEMIOLOGIA da epilepsia no Brasil (2019–2024). RevistaFT, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/epidemiologia-da-epilepsia-no-brasil-entre-2019-a-2024>. Acesso em: 27 ago. 2025.

FREITAS, J. B. P. et al. Pediatric hospitalizations for epilepsy in Brazil (2012–2022). *Research, Society and Development*, v. 12, n. 4, p. e45203, 2023.

OSEI-KWAME, F. et al. Racial and ethnic disparities in epilepsy care. *International Journal for Equity in Health*, v. 23, n. 1, p. 214, 2024.

Palavras-chave: epilepsia saúde pública epidemiologia.